

SOBRE COISAS DE OUTROS TEMPOS: RASTROS BIOGRÁFICOS NAS CRÔNICAS DE CECÍLIA MEIRELES NA “PÁGINA DE EDUCAÇÃO”¹

Ana Chrystina Venancio Mignot

Resumo

Adentrar pela urdidura narrativa da crônica “A escola atraente” permite discutir a relação entre objetos escolares e memória e, ao mesmo tempo, examinar o papel desempenhado por Cecília Meireles no debate educacional dos anos 30, do século passado, debate este marcado por uma nova sensibilidade pela infância e que conferiu identidade a uma geração de intelectuais que apostou na constituição do campo educacional. Investigar o horizonte de intervenção da cronista permitiu uma aproximação com um ângulo menos estudado da biografia intelectual da poeta, jornalista e educadora.

Palavras-chave: Cecília Meireles; Escola Nova; biografia; cultura material da escola.

ABOUT THINGS FROM OTHER TIMES: BIOGRAPHIC TRACES OF CECILIA MEIRELES’ STORIES IN THE “EDUCATION PAGE”

Abstract

The plot of the story “A escola atraente” (The attractive school) opens a discussion about the relation between school objects and memory and, at the same time, reveals the role played by Cecilia Meireles in the education debates of the 1930’s, which were marked by a new understanding of childhood by a whole generation of intellectuals that had placed their bets in the constitution of the education field. The investigation of Meireles’ range of intervention resulted in approaching a less known aspect of her intellectual biography as a poet, journalist and education scholar.

Keywords: Cecilia Meireles; New School; biography; school material culture.

¹ Texto apresentado no 14º Encontro Sul-Riograndense de História da Educação, sobre “Cultura Material Escolar: memórias e identidades”, de 27 a 29 de outubro de 2008, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, em mesa-redonda coordenada por Maria Stephanou, da qual participaram, também, Cláudia Alves e Lúcio Kreutz.

**SOBRE COSAS DE OTROS TIEMPOS: RASTROS
BIOGRÁFICOS EN LAS CRÓNICAS DE CECÍLIA
MEIRELES EN LA “PÁGINA DE EDUCACIÓN”**

Resumen

Adentrar por la urdidura narrativa de la crónica “La escuela atractiva” permite discutir la relación entre objetos escolares y memoria y, al mismo tiempo, examinar el rol de Cecília Meireles en el debate educacional de los años 30, del siglo pasado, debate que estuvo marcado por una nueva sensibilidad hacia la infancia y que confirió identidad a una generación de intelectuales que apostó por la constitución del campo educacional. Investigar el horizonte de intervención de la cronista permitió un acercamiento con un ángulo menos estudiado de la biografía intelectual de la poetisa, periodista y educadora.

Palabras clave: Cecília Meireles; Escuela Nueva; biografía; cultura material de la escuela.

**SUR DES CHOSES D'ANTAN: DES EMPREINTES
BIOGRAPHIQUES DANS LES CRONIKES DE
CECILIA MEIRELES DANS “PÁGINA DE EDUCAÇÃO”**

Résumé

Pénétrer dans la structure narrative de la chronique “A escola atraente” (L'école attirante) permet de discuter la relation entre les objets scolaires et la mémoire et d'examiner à la fois le rôle joué par Cecília Meireles dans le débat éducationnel des années 30 du siècle dernier. Ce débat a été marqué par une sensibilité nouvelle par rapport à l'enfance et il a conféré de l'identité à une génération d'intellectuels qui a cru à la constitution du champ éducationnel. L'investigation de l'horizon d'intervention de l'écrivain a permis l'approche d'un côté moins étudié de la biographie intellectuelle de cette éducatrice, poète et journaliste.

Mots-clés: Cecília Meireles; Nouvelle École; biographie; culture matérielle de l'école.

Fala-se na escola attrahente para a criança. Que e preciso um ambiente agradável suggestivo rico de inspirações para a infância: accrescente-se que é preciso um ambiente assim, também, para os professores.

Tem-se pensado que o mobiliário feio as paredes sujas, os enfeites fora da moda exercem acção perniciosa sobre as crianças; é preciso não perder de vista a impressão que causa aos professores o mesmo scenario, para o seu trabalho de todos os dias.

Diz-se que a escola triste e aggressiva afasta os alumnos torna-os vadios, mostra-lhes em contraste, a belleza das ruas cobertas de sol, enfeitadas de arvores, onde a liberdade dos passaros canta a sua alegria.

Quantos professores, ainda hoje, não irão à escola sob o peso, a actuação do dever duro e sombrio como uma condemnação?

Deixam a sua casa florida, alegre, clara, onde a vida também canta, seductoramente. Encontram a escola com o conjunto das suas hostilidades: o relógio feroz que não perdoa os atrasos do bonde; o livro do ponto ferocíssimo, com a sua antipathica roupagem de percalina preta e a sua sinistra, numeração, pela página abaixo... De toda a parte surgem objectos detestáveis: reguas, globos poeirentos, borrachas revestidas de madeira, tympanos, vidros de gomma arábica, todas essas coisas hediondas que se convencionou fazerem parte integrante da physionomia da escola, e que são acreditadas indispensaveis e insubstituiveis. Coisas mortas. Coisas de outros tempos. Coisas que se usaram nas escolas de nossos avós e de nossos paes. Não se pode pensar em familiaridade em proximidade infantil em vida nova, em educação moderna no meio dessa quantidade de mata-borrões, de mappas com demarcações archaicas, de balanças que não funcionam, de moringas, de gargalo quebrado, de caixinhas de sabonete para guardar giz e das coisinhas armadas nas taboinhas dos armários chamados museus, nas quaes não se pode bolir para não estragar, e que têm um rotulozinho em cima, tal qual os vidros de remédio.

Vamos pôr fora todas essas coisas velhas? Vamos ordenar uma limpeza geral nas escolas, ainda que fiquem apenas com os bancos para as crianças se sentarem?

O que for sendo preciso irá surgindo, pouco a pouco, das mãos das crianças e dos professores conjuntamente. Ir-se-á povoando a escola não com essas coisas detestáveis que ali estão, mas com pequenos objectos feitos com carinho, com esse carinho que embelleza e enriquece tudo.

Muitas professoras não teriam na sua casa, com certeza, uma velha moringa dessas que habitam, infallivelmente, as janellas das salas de aula. Não quereriam na sua casa, nem na cozinha da sua casa, semelhante caco. Mas temo na escola. É a escola... Mas, então, que é a escola? E que affronta é essa á sensibilidade de centenas de crianças?

A moringa é apenas um exemplo.

Algumas professoras vão com desgosto à escola, dizíamos. Por que não modificam elas esse ambiente que as desagrada? Perguntareis.

Porque acima da sua vontade estão accumuladas muitas rotinas de outras vontades. Porque, algumas vezes, a manifestação de um natural bom gosto, de uma cultura mais apurada, servem de base a ridículas insinuações, e a critica mordazes.

Porque ainda não temos um meio homogêneo, mesmo dentro dos limites do magistério.

Porque ainda não temos, infelizmente, uma totalidade de professores capaz de agir simultânea e solidariamente nesta obra de reorganização pedagógica que representa, para o Brasil inteiro, uma etapa de progresso que todos os esforços devem denodadamente accentuar.

Escrita pela poeta, jornalista e educadora Cecília Meireles, esta crônica é uma das inúmeras publicadas no *Diário de Notícias*, onde foi editora da “Página de Educação”, entre 1930 e 1933, e, na qual, diariamente, ao sabor dos acontecimentos, focalizava as

reformas educacionais, a escola, o magistério, a infância, os livros, a leitura e literatura infantil.

Ao longo deste período, procurou cumprir à risca a principal característica das crônicas, no dizer de Machado de Assis, tratando com leveza coisas do cotidiano, *sem sangue nem lágrimas*.² Presa aos assuntos do dia-a-dia, ela dialogou com seu tempo, por meio destes textos efêmeros, escritos sob a pressão de prazos, cujo brilho se esgotava na folha seguinte, como observou José de Alencar.³ Ciente disso, em um poema se perguntou

Que faremos destes jornais, com telegramas, notícias
anúncios, fotografias, opiniões...? (...)
Aqui, toda a vizinhança proclama convicta:
'Os jornais servem, para fazer embrulhos'.
E é uma das raras vezes em que todos estão de acordo.⁴

Tomo “A escola atraente”, inicialmente, na perspectiva dos historiadores Sidney Chaloub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Afonso de Miranda Pereira na apresentação do livro *História em cousas miúdas*, quando, ao buscar a especificidade deste gênero literário, alertam que por mais leves e efêmeros que tenham sido os temas tratados nas crônicas para os contemporâneos, elas colocam para os leitores de hoje a

² Ver MACHADO DE ASSIS: “A semana”, *Gazeta de Notícias*, 1º de fevereiro de 1894. apud CHALOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (orgs). “Apresentação”. In. *História das cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: SP. Editora da UNICAMP, 2005, p.10.

³ Idem. Segundo os autores, “Ao correr da pena” foi o título dado por José de Alencar a uma série de crônicas que publicou, em 1854 e 1855, no *Correio Mercantil* e no *Diário do Rio de Janeiro*.

⁴ MEIRELES, Cecília. In. *Mar Absoluto e outros poemas* apud. *Obras completas*. Rio de Janeiro. Editora José Aguilar. 1958, p. 460.

necessidade de uma cuidadosa operação exegética para decifrar e decodificar os seus termos. ⁵ Em suas palavras,

Só assim será possível relacionar definitivamente tais textos à realidade que é, a uma só vez, a sua matéria-prima e horizonte de intervenção. Em vista disso, só recentemente esses registros começaram a merecer olhares mais cuidadosos, que apontam sua importância tanto como campo de experimentação literária, quanto como testemunho de um tempo vivido. (...)

Ao acertar contas com seu presente, a crônica teria assim como uma de suas marcas esse caráter de intervenção na realidade, com a qual interagia à moda de uma senhora brincalhona. Longe de refletir ou espelhar alguma realidade, ela tentava analisá-la e transformá-la – valendo-se, para isso, de um tom leve, que atraísse o leitor, e da penetração social das folhas nas quais eram publicadas. (2005, pp. 12-13)

Elejo esta crônica que, como tantas outras escritas por ela, permaneceu esquecida até pouco tempo em velhos jornais, com a intenção de adentrar pela urdidura narrativa para discutir a relação entre objetos escolares e memória. Na medida em que me aproximo do *acerto de contas com a realidade*, ⁶ feito pela cronista, procuro sinalizar para o papel por ela desempenhado no debate educacional dos anos 30, debate este marcado por uma nova sensibilidade pela infância e que conferiu identidade a uma geração de intelectuais que apostou na constituição do campo educacional. Deste modo, à moda de Carlo Ginzburg (1989), ao seguir estes rastros, me aproximo de um ângulo menos estudado da biografia intelectual de Cecília Meireles.

⁵ Ver CHALOUN, NEVES e PEREIRA (*Op.cit*) p.19.

⁶ Cf expressão dos autores anteriormente citados. p.19.

Ao iniciar a *operação exegetica*,⁷ a qual se referem os historiadores acima citados, percebo de imediato que as *coisas velhas* têm sobre a cronista o poder de evocar o passado. O relógio, o livro de ponto, as régua, os globos, as borrachas, os tímpanos, os vidros de goma arábica, os mata-borrões, os mapas e as balanças, retratam a escola, os métodos de ensino, os gestos dos professores e dos próprios alunos.

Estes objetos não funcionavam para a cronista como a sua *madeleine* que, no dizer de Pedro Nava, todos têm: *no cheiro do mato, no ar da chuva, no ranger das portas, no farfalhar de folhas ao vento noturno, no cheiro de resina nos fogões, no gosto da água na moringa nova*,⁸ pois, diferentemente do tom nostálgico, à moda proustiana, no clássico *Em busca do tempo perdido*, estes objetos não propiciam reviver doces momentos, voltar à infância idílica, num tempo distante e melhor. O globo, os mapas, os mata-borrões, são *coisas mortas. Coisas de outros tempos. Coisas que se usaram nas escolas de nossos avós e de nossos pais*.⁹ A moringa na janela da sala de aula, tomada como exemplo, é velha e quebrada. Simboliza desleixo, abandono, descaso. Assim como as outras coisas hediondas, arcaicas e ultrapassadas, remetem a um passado que não se quer recuperar, reter, eternizar.

Para a cronista, os objetos falam. Aliás, para o historiador da educação José Maria Hernandez Diaz, tanto ontem como hoje, as paredes, o mobiliário e os utensílios da escola guardam uma *ordem convencional, imposta, casual, visível ou um sistema de relações invisível, ordenado, permitido, negociado ou desestruturado em outras ocasiões*. (2005, p. 225). Para ele, a história dos objetos escolares é, portanto, em boa medida, a história do modo de atuar

⁷ Idem.

⁸ Ver HORTA, Maria de Lourdes Parreiras e PRIORE, Mary, Memória, patrimônio e identidade. In. *Boletim 04*, Salto para o Futuro: TV Escola, Ministério da Educação. abril de 2005, p.9.

⁹ Cf crônica de Cecília, citada na epígrafe deste texto.

na escola, dos projetos educativos reivindicados pelo professor individualmente ou em grupo.

No seu entendimento, os objetos, utensílios e materiais, *não são inócuos, pois nos interpelam, atraem ou repelem*. Revelam rituais educativos, indicam o currículo explícito ou oculto, *a cultura que se transmite ou se produz, a que se impõe ou se rechaça, a que se aceita e integra* (op.cit., p. 226). Assim, numa perspectiva histórica,

Cada objeto que observamos na escola ou na sala de aula nos conta sobre o estado da ciência, as técnicas de produção da indústria, sobre o grau de importação-exportação do país, do nível de desenvolvimento econômico de uma sociedade onde se produz ou utiliza, nos diz também como estão atualizados os mestres em matéria pedagógica, a procedência familiar e social de seus usuários ou proprietário, da vida cotidiana da escola (...) (op.cit, p. 233).

A urdidura narrativa da crônica permite compreender que os acontecimentos passados inscrevem suas marcas no espaço físico, nas consciências individuais e na memória coletiva. Para Cecília Meireles, os objetos escolares carregavam representações e valores que constituíam uma dada cultura escolar que precisava ser substituída, apagada, abandonada, esquecida e se constituíam em *vestígios que tornam possível revisitar o passado e construir cadeias temporais, que estruturam a percepção e a memória*, na perspectiva assinalada recentemente por Margarida Felgueiras (2005, p. 89).

A leitura dos objetos feitos pela cronista permite lembrar as análises também recentes de Rosa Fátima de Souza, quando diz que *os artefatos materiais vinculam concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões simbólicas do universo educacional constituindo um aspecto significativo da cultura escolar* (2007, p. 165), que tanto no seu aparecimento, uso, transformação e desaparecimento, revelam práticas educacionais arraigadas e em mudanças.

As *coisas velhas* vistas pela cronista, quebradas e empoeiradas, traziam as marcas do tempo. Estes *cacos*, vestígios do passado que atigavam lembranças e significados, objeto de indignação, de contestação e de inconformismo, serviam de pretexto para um acerto de contas com um passado que teimava em se fazer presente, indicando uma realidade que precisava ser conhecida, desnudada, desnaturalizada, rechaçada, modificada, superada.

A Cecília Meireles de “A escola atraente” destoa no tom e no tema do que a consagrou no mundo das letras, mesmo quando elegia a educação, a escola e a sala de aula em seus poemas. Em seu livro *O estudante empírico*, os objetos escolares funcionam como metáfora para tratar da impossibilidade, da melancolia, da fugacidade e da solidão, temáticas recorrentes em sua obra. “O quadro-negro”, “O Globo” ou “Mapa da Anatonía”, assim como “Hoje desaprendo o que tinha aprendido ontem”¹⁰ e o poema que empresta seu título ao livro, reforçam que a aprendizagem é sempre inconclusa, não se conquista integralmente e não se esgota ao longo da vida:

Eu, estudante empírico,
fecho o livro e contemplo.

Eis o globo, o planisfério terrestre,
o planisfério celeste,
o redondo horizonte, a ilusão dos firmamentos.

¹⁰ *Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem/E que amanhã recomencerei a aprender./Todos os dias desfaleço e desfaço-me em cinza efêmera:/Todos os dias reconstruo minhas edificações, em sonho eternas./Esta frágil escola que somos, levanto-a com paciência/Dos alicerces às torres, sabendo que é trabalho sem termo.* In Cecília Meireles: Poesia Completa. Vol. II. (organização de Antonio Carlos Sechin). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001. p. 1442.

E a nossa existência.

Eis o compasso, o esquadro,
a balança, a pirâmide,
o cone, o cilindro, o cubo,
o peso, a forma, a proporção, as equivalências.

E o nosso itinerário.

Saem das suas caixas os mistérios:
desenrola-se o mapa dos ossos, com seus nomes;
o sangue desenha sua floresta azul;
cada órgão cumpre um trabalho enigmático:
estamos repletos de esfinges certeiras.

E o nosso corpo.

E os dinossauros são como carros de triunfos,
reduzidos à armação;
e no olho profundo do microscópio
a célula se anuncia.

E o nosso destino.

O professor escreve no quadro o Alfa e o Ômega.

A luz de Sírius ainda lança escadas em contínua cascata.

E lentamente subo e fecho os olhos
e sonho saber o que não se sabe
simplesmente acordado.

Grande aula, a do silêncio.¹¹

Mas, diferentemente deste tom melancólico e nostálgico, por trás do inocente e inofensivo título “A escola atraente”, emerge uma cronista mordaz, crítica, cética e implacável, que, descontente com os rumos da educação, deixa escapar *a farpa na lira* – expressão tomada de empréstimo de Valéria Lamego (1996). Ela não esconde do leitor o seu horizonte de intervenção: *uma totalidade de professores capaz de agir simultânea e solidariamente nesta obra de reorganização pedagógica que representa, para o Brasil*

¹¹ “O estudante empírico”. In.*Op.cit.* pp. 1452-1453.

*inteiro, uma etapa de progresso que todos os esforços devem denodadamente accentuar.*¹²

Aliás, este horizonte de intervenção, constantemente reafirmado nas linhas e entrelinhas da “Página de Educação”, quando apontou divergências, formulou críticas e encaminhou propostas, foi enfatizado por ela quando encerrou sua participação no jornal, na crônica de despedida:

Aqueles que se habituaram a falar, de uma coluna de jornal, sobre assuntos de seu profundo interesse e chegaram a saber que alguém os ouvia, e participava da inquietude do seu pensamento – criaram um mundo especial, de incalculáveis repercussões, cuja sorte condicionaram à sua, pela responsabilidade a que ficam sujeitos os autores de toda criação.

Esta **Página** foi, durante três anos, um sonho obstinado, intransigente, inflexível, da construção de um mundo melhor, pela formação mais adequada da humanidade que o habita.(...)

Mas, além de um sonho, esta **Página** foi também uma realidade enérgica que, muitas vezes, para sustentar sua justiça teve de ser impiedosa e pela força de sua pureza pode ter parecido cruel.¹³

Um olhar mais cuidadoso sobre as crônicas de Cecília Meireles permite perceber que ela não escapou das preocupações pacifistas, científicas e reformistas que amalgamavam sua geração, características que têm sido, por vezes, negligenciadas por muitos daqueles que se debruçam sobre sua vida e obra. Nelas, no entanto, encontramos pistas sobre a editora da Página de Educação que se tornou uma porta-voz intransigente das reformas educacionais e da escola pública, laica e de qualidade para todos.

¹² Cf crônica de Cecília, citada na epígrafe deste texto.

¹³ MEIRELES, Cecília. Despedida. *Diário de Notícias*. 12.01.1933. p. 5.

Em “A escola atraente”, crônica menos contundente do que muitas outras nas quais criticava explicitamente as iniciativas governamentais que visavam implantar o ensino religioso, a indicação de ministros da educação e até mesmo algumas posições defendidas no interior da Associação Brasileira de Educação (ABE), é possível compreender os projetos partilhados com os educadores de sua geração já inscritos em “A responsabilidade dos reformadores”, “A aposta”, “Aquele aposta”, “Uma aposta”, “A penna de aço”, “Ensino cathólico”, “O momento actual e o verdadeiro sentido da educação”, “Um leader”, “Congressos de educação”, “O Ministério da Educação”, “O caso do Ministério da Educação”, “A 4ª Conferência” ou “O valor dos manifestos”, dentre outras.¹⁴

Através desta e de outras crônicas, dialoga com os professores com o repertório comum aos educadores de seu tempo que não mediram esforços para racionalizar a escola, de modo a torná-la mais produtiva e atraente, afinada com os preceitos da educação renovada que circulavam, no Rio de Janeiro, capital da república e *vitrine do progresso*.¹⁵ Além de todo um conjunto de dispositivos legais para ampliar o atendimento à demanda escolar, não foram poucos os esforços empreendidos por estes intelectuais para traduzir uma nova sensibilidade pela infância: construção de prédios escolares, aquisição de mobiliário adequado, montagem de bibliotecas infantis, gabinetes, laboratórios e museus escolares, produção e publicação de livros didáticos, por exemplo.

¹⁴ Ver MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Antes da despedida: editando um debate. In: NEVES, Margarida de Souza, LÓBO, Yolanda Lima e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio: Loyola. 2001. pp. 149-172.

¹⁵ Expressão usada por NEVES, Margarida de Souza. *As vitrines do progresso – o conceito de trabalho na sociedade brasileira na passagem do século XIX ao século XX: a formação do mercado de trabalho na cidade do Rio de Janeiro*. PUC-Rio: Departamento de História/FINEP, 1986.

De certo modo, a “Página de Educação” se converteu em tribuna privilegiada desta mulher contemporânea da reforma de Fernando de Azevedo (1927-1930), emblemática da afirmação do novo em oposição ao velho, por ter investido na construção da Escola Normal, uma edificação arquitetônica monumental que sinalizava para a centralidade da formação de professores; da montagem dos gabinetes de Geografia, entre outros, que foram instalados nesta escola, sob o comando de Delgado de Carvalho que apostava numa variedade de materiais didáticos, como o globo terrestre, a fotografia, o Atlas e, tudo mais que aproximasse os alunos de uma realidade desconhecida, em oposição ao ensino memorialístico; dos inquéritos de leituras infantis liderados por Armanda Álvaro Alberto na Seção de Cooperação da Família da Associação Brasileira de Educação (ABE), que visavam interferir nas leituras das novas gerações; das exposições de brinquedos infantis organizadas por Francisco Venâncio Filho que pretendiam disseminar, de um ângulo diverso, os cuidados com as brincadeiras das crianças; das tentativas de Anísio Teixeira (1931-1935) de modernizar a educação do Rio de Janeiro, o que passou pela aquisição de livros para as bibliotecas escolares e a inauguração da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco¹⁶, do qual a própria Cecília Meireles foi a primeira diretora; dos debates suscitados pela compra de mobiliário escolar que estimulavam a pena afiada de Frota Pessoa, que lamentava a decisão tomada de não substituir a tradicional carteira escolar pela mesa e cadeira, já utilizadas em alguns jardins de infância desde a administração de Fernando de Azevedo:

¹⁶ Sobre a participação de Cecília Meireles na Biblioteca do Pavilhão Mourisco, consultar PIMENTA, Jussara. *Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco* In NEVES, Margarida de Souza, LÔBO, Yolanda Lima e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio: Loyola. 2001. pp. 105-120.

a prescrição da velha carteira escolar, symbolo da coacção, da immobilidade, que eram os princípios cardeas da escola antiga, significaria um índice de renovação, caracterizada pelo abandono de um móvel inteiramente condemnado, e que figurará em breve, nos museus, ao lado da palmatória e dos emblemas caricaturaes e humilhantes, como hoje já são velhas peças de archivo, o tronco, a galhardeira e o chicote do feitor, em uso antes da abolição.¹⁷

Na “Página de Educação”, Cecília Meireles dialoga com o poder público, com os intelectuais, com os professores, com as famílias, em “O mundo das crianças”, “A propósito das crianças”, “As crianças e os castigos corporais”, “Quando a criança chora”, “Solenidades Cívicas”, “A alma de uma educadora”, “O mal da autoridade”, “Leituras perniciosas”, e tantas outras crônicas escritas ao sabor dos acontecimentos e sob a pressão dos prazos.

Assim, denuncia, critica, elogia e divulga, em sintonia com as iniciativas educacionais que se realizavam mundo afora que traduziam uma nova sensibilidade pela infância. No afã de projetar iniciativas inovadoras, festejou, por exemplo, a vinda de Edouard Claparède ao Rio de Janeiro, em uma de suas crônicas no *Diário de Notícias*. Em “A visita de um pedagogo notável”, ressaltou a importância de acolher aquele em cuja figura se concentrava “*uma expressão personalíssima da psychologia; aplicada, em toda a sua transcendencia, ao conhecimento da criança*”. Por isso, argumentava,

Vamos receber a um estrangeiro como se o não fosse, não pelo nosso proverbial espírito de hospitalidade; mas porque os que se unificam nesta confraternização ideológica de tornar o mundo melhor por um respeito elevado e consciente da criança, orientando-a para uma visão total e superior da vida, perdem os contornos nacionais; integram-se na aspiração conjunta da

¹⁷ FROTA PESSOA, “Contra a carteira escolar: um debate na Comissão de Normas da Prefeitura”. In *Página de Educação, Diário de Notícias*, 04/08/1931, p. 5.

humanidade passam a ser effectivamente, cidadãos do mundo.

Para os que, no Brasil, se agitam, com fervor, pela Reforma Educacional, os que vêem no problema da escola a solução do problema humano, Claparède é um compatriota que apparece reproduzindo, apenas, a forma physica da sua existência no campo da admiração e do respeito em que já se nos installará a sua figura espiritual.

Não poderia chegar em momento mais oportuno. Vem quando os nossos interesses pedagógicos estão no ponto adequado de receber o definitivo retoque de uma prestigiosa presença.

Parece que elle mesmo é uma mensagem que, de longe, nos vem trazer suas palavras de estímulo e esperança.

Parece que chega para nos dizer: 'A Nova Educação não é um sonho de natureza ephemera. Seus apologistas não são poetas nem loucos, mas homens, apenas, com toda a intensidade moral que a palavra 'homem' possa conter: com toda a significação de fraternidade que se lhe possa attribuir, com todo o poder de respeito e amor pela própria vida humana que, dentro della, o nosso desejo de ser melhor seja capaz de fazer existir' (Diário de Notícias, 5 de setembro de 1930, p.6).

○ horizonte de intervenção da crônica "A escola atraente" é bem mais ambicioso do que aparentemente se supõe à primeira vista. Trata-se da construção de uma nova cultura pedagógica que não prescindiu de uma nova materialidade escolar, que interferiu no desenho da cidade, nas crenças e nas práticas docentes e que deixou suas marcas ainda visíveis na memória de professores e na construção da memória de sua geração de educadores, que tem sido interrogada por historiadores da educação.

Herdeiros que somos da geração de 30, do século passado, ao nos deixarmos surpreender pelo tom e pelo tema empregado

pela cronista, temos muitas indagações e acertos de contas a fazer com nosso presente. Inevitavelmente nos perguntamos, como educadores, se ainda guardamos a mesma indignação com o abandono da escola pública, com os objetos quebrados e os materiais improvisados.

Como historiadores da educação, esta crônica é um convite para perscrutar os objetos escolares do passado, sem repelir as *coisas velhas*, mas para interrogá-los, investigando, em suas marcas, os usos, as representações e os significados que carregam. Um trabalho que, certamente, envolve sensibilidade para entrecruzar fontes, com os mesmos cuidados que devem cercar o trabalho com os documentos escritos, isto é, entendendo que, no seu ofício, o historiador:

(...) não é um arqueólogo da documentação, mediador neutro entre a verdade da fonte e a verdade da história, mas aquele que é capaz de formular uma problemática e de construir uma interpretação em que reconhece o encontro entre duas historicidades: a sua própria e a da documentação que utiliza” (NEVES, 1985, p.34-35).

Depois, para impedir o seu desaparecimento encontrando, classificando, preservando estes objetos que falam das idéias e das práticas, das permanências e das mudanças, dos projetos e dos dilemas, que trazem em si mesmos as marcas de outros tempos, nem melhores nem piores, mas diferentes,

Por fim, a crônica “A escola atraente” fornece à comunidade de leitores de hoje, rastros importantes para pensar a vida e a escrita da vida de Cecília Meireles, consagrada poeta, professora atuante e jornalista engajada que não se eximiu do debate político-educacional de seu tempo.

Referências

CHALOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (orgs). “Apresentação”. In. *História das cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: SP.Editora da UNICAMP, 2005, pp. 9-22.

FELGUEIRAS, Margarida. Materialidade da cultura escolar: a importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. In. *Pro-Posições*. Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da UNICAMP, v.16. n1 (46) jan/abr, 2005, pp.87-102.

FROTA PESSOA, “Contra a carteira escolar: um debate na Comissão de Normas da Prefeitura”. In *Página de Educação, Diário de Notícias*, 04/08/1931, p. 5.

GINZBURG, Carlo. “Raízes de um paradigma indiciário” In *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

HERNANDEZ DIAS, José Maria. Etnografia e historia material de la escuela. In. ESCOLANO BENITO, Agustín e HERNANDEZ DIAS, José Maria (coords). *La memória y el deseo: cultura de la escuela y educacion deseada*. Valencia. Tirant lo Blanch. 2002. pp. 225-246.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras e PRIORE, Mary, Memória, patrimônio e identidade. In. *Boletín 04*, Salto para o Futuro: TV Escola, Ministério da Educação. abril de 2005, p. 9.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira*. Cecília Meireles na revolução de 30. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MEIRELES, Cecília. “A escola atraente”. *Diário de Notícias*, 03/12/ 1931, p.5.

_____. “Despedida”. *Diário de Notícias*. 12.01.1933. p. 5.

_____. “A visita de um pedagogo notável”, *Diário de Notícias*, 5/09/ 1930, p.6.

_____. “Jornal, hoje” In *Mar Absoluto e outros poemas* apud. *Obras completas*. Rio de Janeiro. Editora José Aguilar. 1958, p. 460.

_____. “Hoje desaprendo o que tinha aprendido ontem” In *Cecília Meireles: Poesia Completa*. Vol. II. (organização de Antonio Carlos Sechin). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001. p. 1442.

_____. “O estudante empírico” In. *Cecília Meireles: Poesia Completa*. Vol. II. (organização de Antonio Carlos Sechin). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001. p. pp. 1452-1453.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Antes da despedida: editando um debate. In. NEVES, Margarida de Souza, LÔBO, Yolanda Lima e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio: Loyola. 2001. pp. 149-172.

NEVES, Margarida. *As vitrines do progresso – o conceito de trabalho na sociedade brasileira na passagem do século XIX ao século XX: a formação do mercado de trabalho na cidade do Rio de Janeiro*. PUC-Rio: Departamento de História/FINEP, 1986.

_____. O bordado de um tempo: a história na estória de Esaú e Jacó. *Tempo, Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 81, abr./jun. 1985, p. 32-42.

PIMENTA, Jussara. Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco In NEVES, Margarida de Souza, LÔBO, Yolanda Lima e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio: Loyola. 2001. pp. 105-120.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: balanço provisório. In: Marcus Albino Levy Bencostta. (Org.). *Culturas Escolares; saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007, v., p. 117-132.

Ana Chrystina Venancio Mignot é Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Pesquisadora do CNPq e Cientista de Nosso Estado/FAPERJ. E-mail: mignot@painet.com.br

Recebido em: 05/11/2009

Aceito em: 20/12/2009